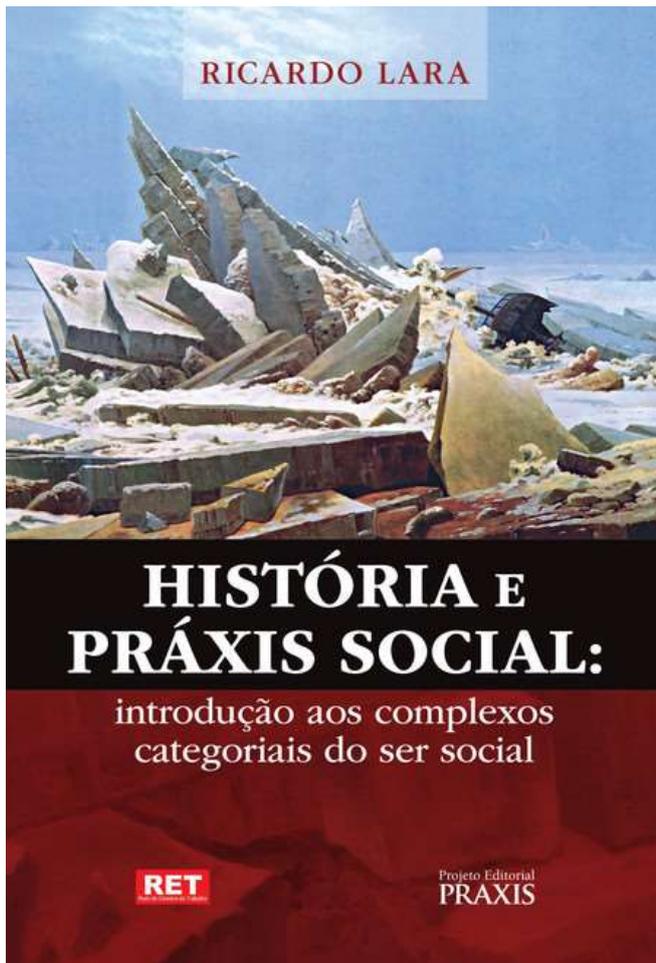


História e práxis social: introdução aos complexos categorias do ser social

History and social praxis: an introduction to the complex categories of social being

Leandro NUNES*

<https://orcid.org/0000-0002-1806-3013>



RESENHA/ BOOK REVIEW

LARA, R. **História e Práxis Social:** introdução aos complexos categoriais do ser social. Bauru: Canal 6, 2017. (Projeto Editorial Práxis). 164 p.

* Assistente Social. Mestre em Serviço Social. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Serviço Social na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, Florianópolis, Brasil). R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, Trindade, Florianópolis (SC), CEP.: 88040-900. E-mail: <leccinunes23@hotmail.com>.

© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2019 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

Os pesquisadores e estudiosos da tradição marxiana e lukacsiana recebem em suas mãos mais uma importante e primorosa obra, *História e práxis social: introdução aos complexos categoriais do ser social*, do Professor Doutor Ricardo Lara. Neste livro, resultado de seu estágio pós-doutoral no Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais na Universidade de Nova Lisboa (Portugal), Lara se propõe a, *explicitar* sustentado por Marx, Engels e Lukács a práxis social de homens e mulheres sob o modo de produção capitalista, contexto este de grande ataque, desqualificação e/ou negação da teoria social marxiana e marxista enquanto método de conhecimento da realidade social.

Ao assumir o método marxiano como norte de investigação, o autor decreta que suas análises sobre a história, os fundamentos filosóficos do trabalho, o mundo do trabalho e suas contraditoriedades, a alienação, os estranhamentos, a ideologia, etc, terão como pano de fundo a ontologia marxiana. Não obstante, é partindo de pressupostos ontológicos, que acertadamente o autor adverte **não existir de forma alguma neutralidade na luta de classes**, uma vez que, desde que se *assume* o capitalismo enquanto modo de produção e reprodução da vida, há os que entram para vender sua força de trabalho e comprar o pão de cada dia e aqueles que entram para comprar a força de trabalho e ganhar com a produção da mais-valia. Ou seja, **a história do capitalismo não é senão a história da luta de classes**.

“Fazer e compreender a história, são os maiores desafios do gênero humano [...]” (LARA, 2017, p. 11), destaca o autor, no entanto, isto em nada significa que a compreensão de história deva se dar a partir de uma ordem cronológica e mecânica, mas sim, a partir de questionamentos, de análises materialistas e dialéticas da realidade social atentos a cada momento histórico, e assim para propor um estudo da particularidade, singularidade e universalidade de cada objeto a ser analisado em sua íntima e indissociável relação com a formação histórica, econômica, social, política e cultural na qual o mesmo está inserido.

Neste sentido, bebendo da fonte da teoria social marxista, o autor não propõe um conceito fechado e estanque de história e dos complexos categoriais do ser social, mas, oferece ao leitor o entendimento de que são categorias históricas e transitórias tendo como pano de fundo a práxis social, na *busca* de respostas aos questionamentos da humanidade, na *busca* pelo novo. E ao buscar responder o *de onde?* e o *para onde?* da humanidade, homens e mulheres escrevem sua história, porém, não a escrevem com suas próprias mãos, pois “[...] não são eles que escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas que lhe foram transmitidas assim como se encontram [...]” (MARX, 2011, p. 25), demonstrando desta forma a íntima relação entre as causalidades historicamente postas e a ação que orienta teleologicamente o ser social. Neste sentido, em crítica a análises positivistas, gnosiológicas, fenomenológicas e mecanicistas de história e análise de mundo, Lara defende que o estudo da história proposto por Marx e Engels, nos ofertam não apenas a chave analítica, mas também, os caminhos teóricos e metodológicos a se seguir caso queiramos estudar as relações sociais de homens e mulheres num determinado contexto histórico, “[...] seja em relação aos processos históricos gerais de determinada época, seja nas investigações sobre específicos fenômenos sociais” (LARA, 2017, p. 12).

Lara transita entre as obras de Marx, Engels e Lukács e divide seu texto em dois capítulos para expor suas análises. Para compreender a história, nos diz o autor, se faz necessário

revisitar o contexto histórico no qual as relações sociais se dão, bem como, ressalta, como já mencionado, que a história do modo de produção capitalista não é senão a história da luta de classes, de exploração, opressão, dominação, expropriação, etc. de homens, mulheres e da natureza. Embora marxista convicto, de forma alguma o autor se mostra um marxista dogmático, e explicita com grande propriedade e honestidade intelectual que a teoria social crítica não é, a *única verdade* a se seguir na análise da realidade, nas palavras do autor:

A teoria marxista não proporciona todas as respostas para os dramas, os dilemas, os conflitos e as contradições que emergem da sociedade contemporânea; ao mesmo tempo entendemos que abrir interlocução com a concepção materialista e dialética da história é fundamental para enfrentar os desafios de nossa época (LARA, 2017, p. 20).

No decurso do primeiro capítulo, o autor transita entre as principais categorias estudadas por Marx e Engels até chegar a crítica da sociedade burguesa, que tem na exploração da força de trabalho a *fonte* da criação do mais-valor. E em crítica radical a teoria do valor proposta pela economia clássica (leia-se Adam Smith e David Ricardo), Lara encontra em Marx e Engels, sua concepção da teoria valor-trabalho, a essência da riqueza e criação do mais-valor provem da exploração da força de trabalho, e ao passo que mais mercadorias acrescida de mais-valor produz, torna-se alienado/estranhado de si, da mercadoria em que produz, do próprio processo de trabalho, de si mesmo e em relação ao gênero humano, pois de acordo com Lara (2017, p. 39), sob as relações sociais capitalistas ao se valorizar o mundo das mercadorias automaticamente está se desvalorizando o mundo dos homens e mulheres.

Ainda no primeiro capítulo, Lara (2017) transita entre as principais obras de Marx e de Engels, passando por Locke, Kant, Hegel, entre outros, tendo o primoroso cuidado de não realizar um corte epistemológico da teoria marxiana, ou seja, diferente de muitos autores ou detratores do marxismo (em especial os estruturalistas) não afirma existir uma separação entre o Marx filósofo (jovem Marx) e o Marx economista (velho Marx), mas sim que o que existe em Marx é uma continuidade de seu pensamento, com rupturas, condicionalidades e superações.

O segundo capítulo é dedicado ao estudo de Lukács e sua obra, em especial, a *Ontologia do ser social*, e na sequência traça um sintético estudo sobre os complexos categoriais do ser social: trabalho (categoria fundante e desenvolvedora do ser social), reprodução (complexo em que se desenvolvem a categorias estritamente sociais), ideologia (que em Lukács não é apenas *falsa consciência*, a ideologia em Lukács tem por função compreender e intervir nas mais distintas contradições e conflitos sociais, seja diretamente; como o direito e política, seja indiretamente; como a arte e filosofia) e estranhamentos que se manifestam em barreiras que impedem o desenvolvimento do ser social. Lara (2017), destaca que, ao se debruçar na escrita de sua grande *Ontologia*, Lukács queria propor um renascimento do marxismo, aqui o texto de Lara ganha um destaque em especial, em nenhum momento Lukács estaria propondo a criação de um novo marxismo, mas sim em destacar a necessidade de reascender a *chama* do marxismo como método de análise da realidade e dos complexos dinâmicos e históricos que compõe as relações sociais sob os marcos do capitalismo, bem como seu *papel* de destaque enquanto método político-ideológico na necessidade de *renovação revolucionária da sociedade* (LUKÁCS, 2008, p. 194 apud LARA, 2017, p. 74). Nas palavras de Lara (2017), ao estudar a trajetória do filósofo húngaro:

Lukács encontra, principalmente nos *Manuscritos econômicos e filosóficos* (Marx) e nos *Cadernos filosóficos* (Lênin), novos instrumentos teórico-filosóficos para a investigação da história e interpretação do marxismo. Emerge, nesse contexto, não ainda de forma explícita e afirmativa, a *tarefa de renovação e renascimento do marxismo que irá percorrer suas preocupações até o final de sua vida*. (LARA, 2017, p. 74, grifos do autor).

Neste sentido, a obra de Lukács, nos brinda com uma grande e impar análise teórica e filosófica, realizando um profícuo e minucioso diálogo com a filosofia clássica, filosofia contemporânea e o marxismo, que não é senão o caminho trilhado por Lukács ao escrever sua grande obra. Uma vez que, para Lara, a *Ontologia* de Lukács não se limita a análises epistemológicas, mas busca a todo momento reivindicar análises e questionamentos ontológicos, pois “[...] é uma proposta teórico-científica que abre os questionamentos sobre a práxis social e a compreende como histórico e transitório” (LARA, 2017, p. 87).

A práxis social tem na obra lukacsiana uma importância singular, uma vez que é a partir desta que se desenvolvem capacidades objetivas e subjetivas de conhecer a realidade e as especificidades que circundam o ser social. O indivíduo social é em Lukács um ser que dá respostas. Questiona o gênero humano: *De onde? Para onde?*. E na medida em que novas respostas são saciadas, outras surgem. É no e pelo trabalho que se tem o salto ontológico do ser *meramente* natural ao ser social. No entanto, cabe aqui dois importantes alertas realizados por Lara em sua obra, primeiro, não existe uma ontologia específica do complexo categorial trabalho, mas sim este enquanto complexo categorial constituinte de uma ontologia geral do ser social; segundo, o fato de Lukács iniciar suas análises sobre os complexos categorias e históricos do ser social pelo trabalho, não significa que esteja realizando uma análise hierárquica e mecanicista (primeiro o trabalho, depois a reprodução social, depois a ideologia e aí sim os estranhamentos, analisando sob este prisma não estaríamos senão realizando uma corte epistemológico do pensamento lukacsiano), mas tal deu-se devido a uma escolha metodológica, “[...] que segue a rigorosa interação ontológica realmente existente entre as diversas categorias e complexos que compõe o ser social,[...], de um dado ser que deve partir daquela que lhe é fundamento” (MACENO, 2017, p. 28). Ou seja, mesmo que o trabalho seja a categoria que funde o ser social, ela jamais deixa de estar presente ao longo de seu desenvolvimento, bem como as outras categorias históricas do ser social estão diretamente atravessadas pelo trabalho, por este motivo que de acordo com Lara (2017), torna-se quase impossível entender o pensamento lukacsiano e os complexos categorias históricos do ser social, se reduzirmos seu estudo a leituras imanentes do capítulo do trabalho, ou da reprodução, da ideologia ou dos estranhamentos, sem compreender a coexistência dessas categorias. Na percepção do autor, ao realizarmos tal leitura, estaríamos realizando uma análise reducionista da obra de Lukács. Neste sentido, concordamos com Lara (2017, p. 93), que advoga baseado em Lukács que, nenhuma categoria histórica pode ser apreendida se a tratarmos isoladamente.

Por fim, destacamos que a obra de Ricardo Lara se junta a um seleto número de obras que se propõe interpretar o legado do pensamento de Marx e Lukács no Brasil. Um texto que deve ser lido e debatido independentemente da área de conhecimento, por se tratar de uma obra que não se limita em demonstrar análises fenomênicas e gnosiológicas da realidade, mas sim, expressa a necessidade de realizar análises críticas das relações sociais sob o modo capitalista de produção e reprodução da vida, bem como destaca a eminente necessidade da

emancipação humana, não esquecendo de mencionar os limites impostos a luta de classes na atualidade. Sabemos que em muitas áreas do conhecimento, análises fenomenológicas, gnosiológicas, positivistas, idealistas *dominam* o método de produção de conhecimentos, mas, com este livro, Lara deixa evidente que a teoria social marxiana e marxista é o método que possibilita o entendimento do modo de produção capitalista, suas leis específicas, suas contradições e consequências na vida de homens e mulheres que produzem e reproduzem suas vidas sob relações alienadas/estranhadas. Tal como Odisseu de Homero, Lara sem romantismo algum e com toda a radicalidade de seu pensamento, se lança neste *mar tempestuoso* e traiçoeiro, que é não apenas interpretar a realidade, mas propor alternativas para sua transformação.

Referências

MACENO, T. E. **Educação e reprodução social: a perspectiva da crítica marxista**. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

MARX, K. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

LARA, R. **História e práxis social: introdução aos complexos categoriais do ser social**. Bauru: Canal 6, 2017. (Projeto Editorial Práxis).

Lenadro NUNES

Graduado em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em serviço social pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutorando no programa de Pós-graduação em Serviço Social na mesma instituição. Área de estudos: meio ambiente, mundo do trabalho, saúde do trabalhador, formação profissional, ontologia, emancipação humana. Integrante do Núcleo de Estudo e Pesquisa Trabalho e Questão Social na América Latina.
